

DOC

ADUFRGS DOCUMENTO,



Paulo Freire

"Doutor Honoris Causa"

A HOMENAGEM DE ADUFRGS/DOCUMENTO A UM
DOS MAIORES EDUCADORES DA ATUALIDADE

Fotos de Simone Moro de Souza

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO COMO EDUCADOR

Paulo Freire

No momento em que o Homem, discernindo o tempo, conseguiu "atravessá-lo", jogando para um passado até então incorporado à seu presente quase eterno, grande parte das forças mágicas atuantes que o comandavam deu um passo decisivo na história da cultura. Iniciou-se aí, em termos de ensaios tímidos, a sua individualização. E enraizou-se nesta, a sua atividade docente.

Esta atividade docente, de que jamais se afastou é um dado de sua própria existência. Ela está essencialmente ligada à sua qualidade espiritual, que o faz um ser capaz de discernir e transcender. Que o faz capaz de relações com seu mundo, de que decorre o acrescentamento que lhe traz.

É este acrescentamento, manifestação de seu espírito criador, de sua possibilidade de inventar e reinventar, é que o leva a projetar-se num domínio exclusivamente seu - o da História e o da Cultura.

Aí é que ele se distingue precisamente do outro animal, que na verdade nada acrescenta a seu mundo. É que o outro animal "apenas está no mundo" e não "com o mundo".

Daí que os seus contatos com o mundo não sejam propriamente relações que implicam em incorporações conscientes, em respostas plurais. Em integração e não apenas em acomodação ou simples ajustamento.

Não importa aqui discutirmos as variações que no tempo e no espaço, a partir daqueles ensaios primitivos da atividade docente, tenha ela apresentado. O que nos importa nestas considerações preliminares é sublinhar a atitude puramente humana desta atividade. É o seu empenho em preservar e transmitir a experiência criadora do homem - seu acrescentamento ao mundo. Na medida, porém, em que esta experiência criadora do homem é transmitida sistematicamente, deve este esforço de transmissão, precisamente porque humano e portanto espiritual, ser também formador e não simples e puramente informador ou catalogador.

Toda vez que a atividade docente se tem perdido em formalismo tem comprometido a essência mesma da comunicação humana. Na verdade, a atividade docente há de ser, sob pena de trair a "abertura" ontológica do homem, eminentemente comunicativa. Se perde o sentido de comunicação e se reduz a comunicados, perde igualmente a atividade docente a significação formadora que a natureza humana lhe reclama. Contradiz a força espiritualmente criadora do homem, que o distingue totalmente do outro animal. A atividade docente que não comunique e que não seja em si mesma uma forma criadora e recriadora tende a estagnar-

se pela sua inautenticidade.

Pode parecer, a partir destas considerações, uma contradição o título do artigo que ensaiamos escrever. Na verdade, ao se falar de atividade docente, seja ela do professor universitário - o que é o nosso caso - do médio ou do primário, estará implícita a sua ação educadora. Isto é o que se surpreende da análise da essência desta atividade.

Esta e outras manifestações do agir humano não podem, por isso mesmo, serem vistas sem uma análise das condições consubstanciadas no clima cultural próprio em que se realizam. Daí a necessidade - a urgência mesma - da análise de algumas destas condições culturais no hoje brasileiro, ao discutirmos o papel do professor universitário como educador.

Hoje, mais do que ontem, a sociedade brasileira reclama de seu professor universitário sua identificação com o educador.

O professor se faz educador autêntico na medida em que é fiel a seu tempo e a seu espaço. Sem esta fidelidade, mesmo bem intencionado, compromete sua atividade formadora. É que não pode haver formação do educando se o conteúdo da formação não se identifica com o clima geral do contexto a que se aplica. Seria antes uma deformação.

Isto nos leva à discussão dos contrastes entre valores de certa cultura e valores essencialmente humanos, universais. Como toda antinomia educativa, esta não é inconciliável. Não se verificou esta conciliação com o transplante feito pelos jesuítas de uma educação que, na Europa, respondia aos desafios de uma sociedade pós-renascentista, para uma sociedade como a nossa de então, escravocrata, latifundiária, sem classe média, sem vida urbana, sem diálogo.

Somos uma sociedade que, transitando aceleradamente da forma "fechada" para a forma "aberta", apresenta um jogo de contradições. Estas contradições se aprofundam na medida em que a sociedade brasileira, equacionando problemas, tentando a sua solução, vai buscando a superação dos temas passados. Vivemos exatamente a passagem de uma época para outra. Assistimos, às vezes atônitos e ingênuos, ao choque de que participamos, também, do "velho" que pretende preservar-se e do "novo" em luta por se afirmar. Daí a existência, no hoje da passagem, de algo que, estando nela não é propriamente dela, e por isso não se adapta a seus temas.

Esta adequação ou inadequação aos

temas implica necessariamente numa integração ou numa não-integração com os anseios naturais e próprios da época. Numa posição orgânica ou inorgânica. Numa fidelidade ou infidelidade à época.

Uma das notas fundamentais da sociedade brasileira que transita é exatamente a democratização fundamental em que nos inserimos.

Com ela, a emergência do povo na vida política nacional. A tomada de consciência de nossos mais agudos problemas. Nela e ao lado dela, nossa desalienação cultural - a nossa ânsia de nos vermos a nós próprios, de nos conhecermos, de assumirmos o papel de "sujeito de nossos pensamentos", a renúncia à posição de objeto.

E é exatamente esta democratização fundamental que, abrindo-se em leque, leva a sociedade que dela se nutre à democratização política, social, econômica e cultural.

Não há, porém, democratização fundamental que, instalando-se em sociedade fechada, ponto de partida de trânsito ou da passagem de uma época para outra, que não ponha em relevo posições inatuais pela sua inadequação com os novos anseios. Por outro lado, é a própria democratização que se inicia em aprendizado, que exige a ênfase de uma educação para a criticidade. De uma educação para a responsabilidade social e política. O processo de democratização repele como inorgânica toda educação assistencializadora. Toda educação que não seja essencial e humildemente dialogal, pois somente esta, enraizando-se numa matriz racional e gerando razão, responde à essência da democratização. Não que o diálogo democrático, nascente da razão e gerador de razão, somente com o qual exercitamos a nossa capacidade decisória, deva converter-se numa forma anti-espiritual de negação da fé. *"Minha insistência em que nós é que fazemos as decisões e carregamos a responsabilidade, diz Popper, não deve ser tomada como implicando em que não possamos ou não devamos ser auxiliados pela fé ou inspirados pela tradição ou pelos grandes exemplos"*.

O professor de quem a sociedade brasileira precisa no hoje de seu trânsito há de ser aquele que jamais traia sua missão de educador da juventude. Há de ser aquele que jamais se deleite com sua "sabedoria", às vezes inautenticamente livresca, apresentada em aulas que funcionam quase como se fossem cantigas de ninar. O seu papel há de ser outro. E não há tempo a perder numa opção a ser feita: ou se insere criticamente no trânsito de sua sociedade

e se faz um mestre do momento ou permanece ingênuo, como professor no momento. Ou adere ao diálogo criador e comunica ou se minimiza como simples veículo de ingênuos e inoperantes comunicados. Ou se julga humildemente um companheiro de seu estudante, a quem ajuda a ajudar-se na busca de conhecimento, com quem também busca esse conhecimento, ou corre o risco de seu esvaziamento. Um professor no momento raramente sai do óbvio e se arrisca numa aventura intelectual. Teme o novo. Escleroza-se em temas e estilos superados. Assusta-se com a rebeldia do jovem, em que vê sistematicamente a desor-

dade desalienada, por isso mesmo em busca de criações autênticas, de nos assustarmos com elaboração criadora que, rompendo com a rotina, alimente uma sã "aventura do espírito".

As universidades brasileiras cumprirão sua fundamental missão na medida em que nós, seus professores, nos integremos às novas condições do país e nos tornemos na verdade o que devemos ser: educadores e não transmissores de comunicados.

Se cabe à Universidade a formação de elites, estas têm de estar em consonância com o seu momento, tem de ser formadas com a suficiente capacidade de crítica, de que resulte a possibilidade de reconhecimento do que há de autêntico e inautêntico, de valor e desvalor no jogo das contradições profundas que caracterizam a nossa atualidade. Não será, então, com a mera transferência de fórmulas passadas, com a insistência em doações intelectuais, que prepararemos uma juventude que é "do trânsito". Mas com a formação de atitudes adequadas ao "otimismo crítico" de uma sociedade desalienada, de que decorre uma nota de esperança fundada no conhecimento crítico das situações dramaticamente problemáticas.

A formação e o exercício desta atitude estão a exigir que se encontre no professor universitário o educador lúcido responsável e humilde de quem precisamos hoje mais do que nunca. Estão a exigir da Universidade uma crescente e corajosa abertura a seu mundo para que se faça uma instituição autêntica de seu tempo. Para que, preocupando-se real e verdadeiramente com o universal, não se sinta em contradição ao se preocupar com o local regional. Não somos pessimistas quanto à generalização do professor-educador na universidade brasileira. Quanto à preponderância de professores "do trânsito", a Universidade de Brasília é um testemunho.

A revista Estudos Universitários, para a qual escrevemos este artigo, pela sua abertura ao diálogo, pela sua linha de integração ao novo clima cultural do país, pelas suas formulações, constitui uma busca do autêntico em que se empenha a Universidade do Recife.

"O professor se faz educador autêntico na medida em que é fiel a seu tempo e a seu espaço. Sem esta fidelidade, mesmo bem intencionado, compromete sua atividade formadora. É que não pode haver formação do educando se o conteúdo da formação não se identifica com o clima geral do contexto a que se aplica. Seria antes uma deformação"

dem. Sua insistência em viver apenas no momento sem integrar-se nele e se fazer dele não o permite perceber os fundamentos desta rebeldia. Rebeldia que antes devia aparecer-lhe como um desafio a exigir-lhe resposta adequada. Resposta formadora, resultante da análise da própria rebeldia, a ser feita por ele e seus alunos. No momento mesmo em que se iniciasse esta análise se começaria a conscientização do problema e se marcharia para a sua exata compreensão. Mais uma vez caímos na única atitude para nós legítima do professor que seja um mestre do momento nacional: a do diálogo, a da criaticidade. Seria talvez óbvio falar-se do perigo que corremos numa socie-

* Este artigo foi publicado em 1962 na *Revista da Universidade do Recife*.

Saudação ao Professor Paulo Freire

Doutor Honoris Causa pela UFRGS - 20/10/1994

Professor Balduino A. Andreola

"PAULO, eu estou tão contente porque tu não paraste!". Estas palavras, que recolheste de tua última conversa com o nosso grande mestre e amigo ERNANI MARIA FIORI, e que nos transmitiste, no Posfácio ao II volume de seus ESCRITOS, pareceram-me as mais adequadas para iniciar a saudação que ora me cabe dirigir-te, na sessão solene em que recebes o título de doutor "HONORIS CAUSA" nesta Universidade, que é a Universidade do ERNANI. Agradeço à Professora MARIA ISABEL EDELWEISS BUJES, Diretora da Faculdade de Educação, a indicação, e ao Professor HÉLGIO TRINDADE, nosso Reitor, a escolha do meu nome, que significa para mim a tarefa mais honrosa que me haja sido confiada, até hoje, nesta Universidade.

Paulo, tu já foste distinguido com o título de "DOUTOR HONORIS CAUSA" por muitas universidades do Brasil e do mundo. Acredito, porém, que o ato de recebê-lo na Universidade do ERNANI se revista para ti de uma conotação afetiva diferente da que vivenciaste nas demais oportunidades. O título que hoje te é solenemente conferido, PAULO, foi votado por unanimidade em todas as instâncias. Houve unanimidade no Colegiado de Estudos Básicos, que é o meu Departamento na Congregação da Faculdade de Educação e, finalmente, no Colegiado máximo da Universidade, o Conselho Universitário.

A unanimidade havida não foi uma unanimidade burocrática ou de conveniência. Nossa Universidade foi uma das mais humilhadas pelo regime de exceção com a expulsão ou prisão de lideranças estudantis e com a cassação de professores insígnies.

Se o Colegiado Máximo desta instituição por unanimidade outorga tal título ao mais ilustre de todos os educadores punidos pela ditadura, isto significa que esta Universidade está resgatando a sua dignidade histórica.

Na sexta-feira passada, a pedido do FREI SÉRGIO GÖRGEN, acompanhei, junto com ele, fazendo de tradutor, o representante da FUNDAÇÃO "REI BALDUÍNO DA BÉLGICA", que, em companhia da esposa, esteve visitando um acampamento e vários assentamentos do MOVIMENTO DOS SEM-TERRA, este MOVIMENTO, apresentado em 1992, por nossa Universidade, como candidato ao PRÊMIO REI BALDUÍNO, está

entre os quatro finalistas.

PAULO, contei este fato porque tu foste o primeiro a ser agraciado, em 1980, com tal prêmio. Deve ser, pois, para nós e para ti, motivo de alegria saber que pode ser contemplado um dos movimentos populares com o qual nossa Universidade mantém uma parceria muito fecunda e para cujo projeto pedagógico tu estás dando a tua valiosa contribuição. O corajoso programa de alfabetização dos assentamentos se inspira sobretudo em tua proposta. No dia 25 de maio de 1992, 30 anos depois de ANJICOS, lá estavas tu, com tua esposa, marcando presença no lançamento do projeto no assentamento "FRONTEIRA DA CONQUISTA", na região de Bagé. Comemorando em versos gauchescos aquele histórico evento, pareceu-me testemunhar tua grande fraternidade com os trabalhadores da terra, ao rimar FREIRE com alqueire, quando escrevi:

*Nesta marcha da cultura,
Trinta jovens professores,
Do alfabeto semeadores,
Mil canções irão compor,
Transformando a agricultura
Num poema em cada alqueire,
Onde o mestre, PAULO FREIRE,
Será o grande inspirador.*

PAULO, tu estiveste aqui no Rio Grande antes do golpe de 1964, numa ocasião para ministrar cursos sobre o método de alfabetização; e noutra, acompanhando o ministro JÚLIO SAMBAQUI, para tratar com o ERNANI da fundação do Instituto de Cultura Popular, convergência de toda mobilização daquela época. Na assembléia de fundação, dia 14 de dezembro de 1963, ERNANI foi eleito presidente. Lá estavam, naquela sessão, as lideranças estudantis desta Universidade, e entre elas, o atual REITOR, PROFESSOR HÉLGIO TRINDADE. Eu fiz a conexão entre os dois momentos para salientar a contribuição da nossa Universidade aos movimentos populares, antes de 64 e hoje. E nos dois momentos históricos, nossa Universidade e os

movimentos populares do Rio Grande têm em ti um grande irmão, mestre e parceiro. Tinha razão o ERNANI ao declarar: "PAULO, eu estou contente porque tu não paraste".

Num retrospecto panorâmico da tua trajetória de educador, PAULO, constatamos que tua vocação e tua opção de educador a serviço das classes populares te conduziu a paragens sempre mais amplas, a diálogos mais exigentes a caminhadas mais desafiadoras: do SESI, no Recife nas décadas de 40 e 50, para o MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR; para o SERVIÇO DE EXTENSÃO CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE

RECIFE; para o Ministério da Educação, coordenando o grande PLANO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO. Depois, com a prisão e com o exílio, tomaste definitivamente os caminhos do mundo e nunca mais paraste. Do Brasil; para a Bolívia; para a longa e fecunda jornada chilena (de 64 a 69), com uma ida para as universidades americanas. Depois, a saída do CHILE para a Universidade de Harvard, e tua opção de acei-

tar, em 1969, o convite do Conselho Mundial das Igrejas, de Genebra, onde fundaste o IDAC. Em 1970 aceitaste presidir o INODEP de Paris, tendo participado também de sua fundação. De Genebra viajaste por todos os continentes, para palestras e seminários, assessorando projetos de educação.

A volta ao Brasil não significou aposentadoria. Teu trabalho em várias universidades brasileiras, o desafio de assumir a SECRETARIA DE EDUCAÇÃO em SÃO PAULO, as viagens contínuas, pelo Brasil e pelo mundo, os vários livros que foste escrevendo ainda, sozinho ou em co-autoria, nos deixam a nós, os mais moços, abismados diante de tanta energia e de tanta disponibilidade para as mais variadas solicitações.

Se tu não paraste, é porque a urgência dos problemas é a crença firme de que é possível construir o novo não te permitem parar. E se tu

não podes parar, nós também não podemos parar. Nossa Universidade encetou uma caminhada de parceria fecunda com os movimentos organizados das classes populares. Ainda ontem, o PROFESSOR NILTON FISCHER me disse: "Não poderei ouvir PAULO FREIRE porque estarei como painelista no Seminário "LIXO E CIDADANIA". O tema por ele desenvolvido: "A Pedagogia do Lixo: possibilidade de resgate social das Populações Excluídas, a partir do Trabalho com o Lixo". Catadores de Lixo, Meninos e Meninas de Rua, Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Vilas de periferia, Movimentos Negros, Pequenos agricultores, são alguns dos movimentos populares com os quais nossa universidade está integrada, além da escola pública - que é a escola do povo.

Não se trata de práticas assistencialistas. Os professores e alunos engajados nesses projetos comunitários estão também preocupados em construir, no diálogo e na parceria com estes novos sujeitos históricos, conhecimento filosófico, científico e pedagógico de qualidade. Muitos deles buscam inspiração em tua obra. Entre os estudiosos da mesma, permito-me lembrar quatro colegas da FACULDADE DE EDUCAÇÃO que, além de estudarem tua obra, escreveram sobre ela. O PROFESSOR FERNANDO BECKER defendeu na USP, em 1987, uma tese de doutorado em que faz uma aproximação entre FREIRE e PIAGET. A PROFESSORA SANDRA MARA CORAZZA publicou um livro intitulado TEMA GERADOR: CONCEPÇÃO E PRÁTICAS. A PROFESSORA DENISE LEITE, para seu concurso de titular, escreveu um trabalho em que defende a tese de que, na atual crise dos paradigmas, a teoria de PAULO FREIRE representa a melhor proposta para se construir um novo paradigma curricular. E o PROFESSOR AUGUSTO NIBALDO SILVA TRIVIÑOS realizou uma pesquisa, juntamente comigo, na qual resgatamos a memória da variada e fecunda atividade de FREIRE e FIORI durante o exílio no CHILE.

Se há hoje, no Brasil e no mundo, muitas leituras sérias de tua obra, há também leituras parciais que a empobrecem ou deturpam. Uma das mais comuns, parece-me ser a que a reduz apenas a um método de alfabetização de adultos. Na grande entrevista publicada pelo PASQUIM, em 1978, tu esclareces muito bem esta questão mostrando que o problema epistemológico sempre foi central em tuas preocupações. Vários pesquisadores no Brasil e no mundo dedicaram suas atenções a este tema. Pessoalmente, enfatizei a importância do mesmo através de um artigo intitulado: "O PROCESSO DO CONHECIMENTO EM PAULO FREIRE".

Alguém poderia pensar que tua contribuição

"A proposta do título de Doutor Honoris Causa para Paulo Freire, quinze ou vinte anos atrás, soaria como um gesto de subversão, contrário aos interesses da Universidade e do País"

diz respeito apenas às ciências da educação. Na realidade, porém, as dimensões por ti enunciadas têm sentido para todos os ramos do conhecimento. Na perspectiva desta compreensão, em 1992 foi realizado, em Poços de Caldas, um "SIMPÓSIO DO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE" no qual eminentes estudiosos de várias universidades brasileiras discorreram sobre a influência do teu pensamento nas mais diversas áreas da ciência e do ensino. A crise dos paradigmas tradicionais e a imensa complexidade dos problemas, em todos os campos da realidade, não suportam mais a pulverização dos esforços e a proliferação das igrejinhas. A nossa civilização, guiada pelas ilusões da racionalidade técnica e funcional da modernidade, chegou à beira do abismo e da destruição. Diante da crise, os teóricos de plantão da "pós-modernidade" acenam com as teorias do caos e com os modismos da desconstrução. Precisamos de Pensadores que nos desafiem e nos inspirem na construção de novos paradigmas de racionalidade, de pensadores capazes de "reinventar" um conhecimento que tenha feições de beleza, e de reconstruir uma ciência que tenha sabor de vida e cheiro de gente, num século necrófilo que se especializou na ciência e na arte da morte, da guerra e da destruição" (ANDREOLA; EDUCAÇÃO E REALIDADE, 18(1), 1993, p. 41). Esta reinvenção do conhecimento deve passar sobretudo pelo acesso democrático de todos à escola de qualidade, bandeira prioritária de tuas lutas ao longo de tua trajetória de educador.

PAULO, nós não queremos fazer de ti um mito. Mas tu és um desses pensadores da reinvenção do conhecimento. Quem sabe, o mais importante hoje. Em minha tese de doutorado na Universidade Católica de LOUVAIN procurei estabelecer elementos de convergência de tua proposta político-pedagógica de libertação com as propostas de outros pensadores, educadores ou líderes de nosso século. A todos os que nomeei, acrescentaria ainda FRITJOF CAPRA, um físico de renome internacional que reconhece, como muitos outros cientistas, a urgência de não só estabelecer novas sínteses entre os vários ramos do conhecimento mas também entre concepções aparentemente opostas a respeito do mundo, quais sejam, as teorias mais avançadas da física moderna e o misticismo das religiões orientais.

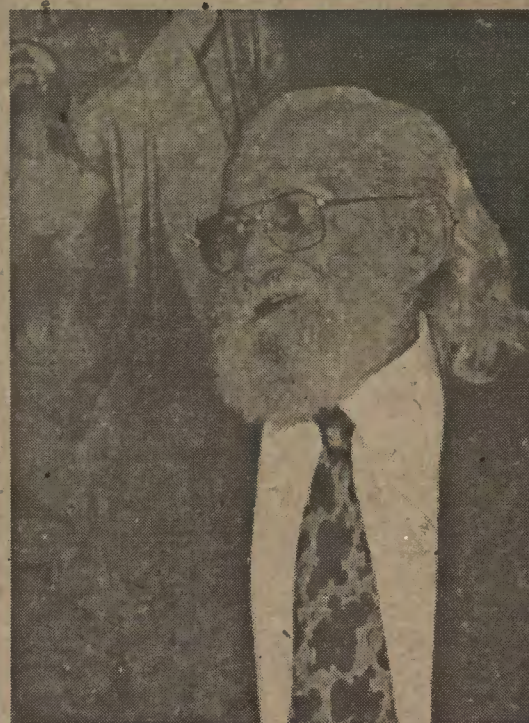
PAULO, depois de acompanhar-te em meus estudos, na tuas caminhadas sem término e sem fronteiras, eu me pergunto onde teria tido início esta tua viagem sem retorno. Onde situar, em outras palavras, tua arqueologia político-pedagógica? Eu construí uma hipótese que nunca testei numa conversa contigo. Nunca te perguntei se estou certo ou errado ao expressar inúmeras

vezes que foi lá, em Jaboatão, que tiveste a primeira intuição de uma PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, que vens elaborando ao longo de toda a tua vida. No livro CONSCIENTIZAÇÃO, leio um depoimento em que declaras: *"Em Jaboatão perdi meu pai. Em Jaboatão experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jaboatão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. Em Jaboatão joguei bola com os meninos do povo. Nadei no rio e tive 'minha primeira iluminação': um dia contemplei uma moça despida. Ela me olhou e se pôs a rir..."* Em Jaboatão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança, comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens".

Garoto ainda, com dez anos de idade, tinhas todo o direito de preencher tua vida com bem outras preocupações. Mas as situações históricas de tua existência e da existência da gente

sofrida das classes populares de tua terra levaram-te um questionamento radical, e tu formulaste para ti mesmo uma pergunta do tamanho do mundo: *"...comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens"*. Aos poucos foste descobrindo que o tamanho da fome, da miséria, da opressão, ultrapassavam, de muito, os limites da tua terra e as fronteiras do Nordeste para assumir dimensões de Brasil e de mundo.

E a tua "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO" se transformou, rapidamente, na explicitação e denúncia deste fenômeno cósmico de desumanização e proclamação de uma proposta político-pedagógica de libertação cuja iniciativa deveria caber aos excluídos, aos oprimidos, aos "condenados da terra" (F. FANON), mas cuja meta deveria ser o resgate da humanidade perdida, tanto para os oprimidos quanto para os opressores, numa sociedade solidária e fraterna, sem opressores e sem oprimidos.



Tua palavra de denúncia e de anúncio, teve eco no mundo inteiro. Foi assim que "PEDAGOGIA DO OPRIMIDO" havia sido traduzido, segundo COLLETTE HUMBERT, do INODEP, já na década de 80, para 25 idiomas, ou para 18, segundo a retificação da tua modéstia sem esquecer que em inglês, só nos EUA, as várias edições ultrapassaram os 400 mil exemplares. O intelectual e político francês ROGER GARAUDY, percebendo o alcance de tua obra, inseriu teu nome entre os grandes promotores de um "projeto planetário", e em seu livro "PARA UM DIÁLOGO DAS CIVILIZAÇÕES" (p.198), escreveu: *"Em matéria de pedagogia, é significativo que seja um brasileiro, PAULO FREIRE, o maior pedagogo do nosso tempo, que*

tenha dado à alfabetização e ao ensino em geral a missão de despertar nas massas uma consciência crítica e militante. De ser uma "PEDAGOGIA DOS OPRIMIDOS" e de fazer da educação uma "PRÁTICA DA LIBERDADE". Em vez de visar a reproduzir os valores da ordem estabelecida, a educação tem por objetivo a tomada de consciência das contradições desta ordem, criando assim o que LENINE teria chamado de as "condições subjetivas" de uma revolução e de uma libertação".

Esta dimensão de universalidade da tua obra é afirmada com igual vigor por PETER McLAREN, um professor canadense trabalhando há muitos anos em universidades americanas. À contribuição que tu estás dando para o diálogo entre os povos, tive a satisfação de dedicar uma dissertação de mestrado intitulada, "APPORT DE LA PEDAGOGIE DE PAULO FREIRE AU DIALOGUE INTERCULTUREL", na qual analiso as experiências de educação popular inspiradas principalmente em tua proposta pedagógica. Posteriormente dediquei ao tema do diálogo intercultural um capítulo de minha tese de doutorado. Inúmeras experiências, em todos os continentes, demonstram a fecundidade de tuas idéias ao se incarnarem, de maneira crítica e criativa, em diferentes projetos de educação e de construção de uma sociedade mais solidária.

Pessoalmente, pude participar, na BÉLGICA, de três seminários, nos quais se discutia a aplicação da pedagogia de PAULO FREIRE em escolas de 1º e 2º graus daquele país. Esta dimensão universal de tua obra é confirmada pelos números da bibliografia freireana. A organizada por DONALDO MACEDO, segundo me informou MOARCIR GADOTTI, ultrapassa já os seis mil títulos. Esta universalidade, PAULO, não é uma honraria que te haja sido concedida pelos deuses do Olimpo. Tu a construístes regada na fé, mas também nas lágrimas, no suor e no sangue dos longos caminhos de 16 anos de exílio, considerado por ti uma aprendizagem que te levou a afirmar: *"Eu sou capaz de querer bem, enormemente, a qualquer povo".*

Esta universalidade, muito bem percebida por ROGER GARAUDY e por McLAREN, coloca-te no horizonte utópico dos que estabelecem as bases para uma nova civilização planetária se delineando já no limiar do 3º milênio, para além dos destroços de todos os sistemas de dominação, de exclusão e de opressão da pessoa humana.

O grande cientista FRITJÖF CAPRA, citado anteriormente, escreveu em seu livro O PONTO DE MUTAÇÃO (p. 409): *"Os movimentos sociais das décadas de 60 e 70 representam a cultura nascente, que agora está pronta para passar à era solar".* CAPRA não poderia falar, ainda, dos movimentos das décadas de 80 e 90. Mas eles estão aí cheios de dinamismo e de esperança.

Porque continuas acreditando nas potencialidades dos movimentos populares e da escola pública, tu nos brindaste, em 1992, com teu livro "PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: UM RE-ENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO".

PAULO, tu não vieste para erguer muros ou construir trincheiras. Pedagogo do diálogo, tua missão consiste em edificar pontes para que os homens e as mulheres do nosso século e do próximo milênio, bem como os povos de todos os continentes, possam transitar ao encontro uns dos outros. Se tu pudeste afirmar: *"Eu sou capaz de querer bem, enormemente, a qualquer povo"*, é porque todos os povos são capazes de se amar.

Eu iniciei lembrando tua última conversa com o ERNANI. Concluirei citando a frase com que encerras a lembrança daquele encontro. Tu escreveste: *"Ele jamais perdeu a paixão pelos seus sonhos".* Esta frase vale também para ti. PAULO, tu jamais perdeste a paixão pelos teus sonhos. Permite, pois, que sonhemos contigo. Quando o sonho é coletivo, já começou a tornar-se realidade.

"Paulo, tu não vieste para erguer muros ou construir trincheiras. Pedagogo do diálogo, tua missão consiste em edificar pontes"